

6 Considerações finais

O que existe?

Por que existe?

Quais as expectativas de modificação desta realidade?

Estas foram as principais perguntas que se tentou responder nesta pesquisa.

Encontramos um quadro de transformações culturais que trazem uma retórica de que as questões ambientais atingem a toda a população, portanto, todos juntos deveriam buscar alternativas de reformulação dos meios produtivos. A maneira com que se desenvolvem os modos e parâmetros produtivos são descritos como as principais causas das atuais degradações, pois pressupõem um aumento constante que não é compatível com a renovação possível da natureza.

Isto não poderia deixar de ter conseqüências para o design, principalmente porque o grau de sua interferência é muitas vezes, muito mais facilmente perceptível do que outras profissões projetuais. E, de outro lado, outro fator fundamental, como é tão fortemente afirmado, é por sua capacidade de interrelação com outros campos de conhecimento.

No entanto, nos encontramos numa fase de assimilação da necessidade das transformações, que já passa por um senso comum que *verifica problemas* na atuação humana. Aqui há uma forte intenção na afirmação ‘*verifica problemas*’ pela observação de que no próprio ambiente acadêmico, as propostas que surgem ao se propor pensar na questão projetiva somando a ênfase ambiental, ainda está muito mais próxima apenas da constatação de problemas¹²². Percebe-se, apesar do sentimento de revolta com os últimos encontros mundiais – como a Conferência de Johannesburgo (2002) – que as iniciativas devem estar muito mais voltadas para que se atinja os aspectos práticos da participação ‘de todos’, em vista de uma anunciada sustentabilidade.

¹²² Pois como mencionado anteriormente, o teste feito por MANZINI (2002) no congresso realizado em Brasília, com profissionais e estudantes de design, ainda conseguimos na maior parte das vezes apenas detectar os problemas que precisam ser resolvidos e muito pouco se consegue visualizar quanto a projetos que realmente solucionam os dilemas atuais.

Em relação ao ensino de design, encontram-se algumas iniciativas que buscam propor uma nova forma de projetar, mas são ainda bastante incipientes. As maiores dificuldades se originam, em parte, das informações erradas ou superficiais que muitos alunos e professores têm contato. Como mencionado, grande parte das informações decorrem de uma intensiva divulgação das questões ambientais, desde a década de 1970. As mensagens transmitidas tinham um forte apelo catastrófico, que apesar de criar grande impacto geral, não contribuem para a resolução dos problemas. Mas, como vimos, teve seu importante papel como alerta à população, devido ao fato de que essas questões teriam, de alguma forma, que ser pensadas além da forte tendência a estimulação de um consumo/produção acelerado.

Com o tempo, a ênfase catastrófica se modificou, mas deixou ainda muito fortemente marcada a ligação de soluções ecológicas a materiais e estilo de vida ‘alternativos’. Este aspecto ainda está muito presente no imaginário, principalmente devido ao fato de que ainda não concluímos realmente como deve se desenvolver o ‘novo rumo’ ou novo estilo de vida. Criar estilos de vida alternativos, ou seja, a criação com materiais naturais seria realmente uma maneira mais simples em termos de soluções projetuais. Mas, nem sempre é possível a substituição por materiais naturais e nem sempre é mais vantajoso. Além do que não seria mais lógico, se pensarmos a modificação completa de nossa estrutura de vida atual. Que, inclusive é um dos fatos que podem causar grandes preconceitos e repulsa de muitos. Afinal, deixarmos de lado todo o suposto ‘conforto’ para retrocedermos nossas maneiras de viver, em prol de um anunciado benefício, além de quase impossível de imaginar, teria pouquíssimas adesões...

No entanto, a aproximação de muitos detalhes de nosso antigo modo de vida talvez seja o caminho que se deseje atingir. Mas para isso, outras soluções seriam mais imediatas e eficazes, pois é necessário uma mudança cultural muito ampla, em hábitos, valores e necessidades, que são possíveis apenas com reestruturações iniciais que permitam a adequação social. Com isso, encontramos na ênfase de FULLER¹²³ ou de MANZINI¹²⁴, os caminhos que desde já os projetistas podem pensar para desenvolver os projetos necessários.

¹²³ Como FULLER já mencionava, o designer não deve estar preocupado exclusivamente com o assento do trator, mas com o conceito inteiro da produção e distribuição de comida (1970: 337).

¹²⁴ MANZINI, tal como Fuller décadas antes, estabelece a necessidade do projetista pensar no desenvolvimento não apenas de produtos, mas de sistemas que envolvam o aspecto social como um todo. E descreve outras três etapas ‘mais simples’ que o designer poderia desenvolver a princípio (descritas no capítulo quatro, *Ecodesign*. 2002: 20).

Esta necessidade de descobertas em vastos campos de conhecimento, parece, e é bastante difícil inicialmente. Mas, conforme FULLER, os projetistas deveriam ser encorajados a desenvolver suas capacidades intelectuais para resolver dilemas comuns. Como ‘entusiastas planetários’ – conforme se refere às crianças – com uma vontade proeminente de entender o mundo...

Pode-se presenciar iniciativas no ensino universitário de design, que buscam adequar ainda formas iniciais de desenvolvimento dos parâmetros ambientais – com o redesign inicialmente. Mas que já detectam as principais defasagens teóricas e a respeito de informações básicas para a modificação dos projetos. Pois, assim como afirmam MEDINA & GOMES (2002), as iniciativas em relação ao desenvolvimento de uma postura mais eficiente ambientalmente, partem normalmente do fabricante de materiais que tem que dispor alternativas e, cabe às empresas e ao redesign facilitar o processo e o uso dos materiais adequados.

Portanto, os designers não estão de maneira alguma sozinhos com essa grande responsabilidade, mas desempenham importante papel nessa relação. Os valores ambientais passam a ser adotados como uma ética profissional “com base em valores e crenças básicos comuns a equipe de projeto” (MALAGUTI, 2000: 183). E, por esse motivo a formação profissional desempenha fundamental participação no desenvolvimento de posturas adequadas e na conscientização de sua influência nos valores e efeitos na sociedade. O que se pretende estabelecer, não é uma limitação projetual e da criatividade dos projetistas, como foi detectado em alguns discursos temerosos. Ao contrário, que se aproveite o poder de persuasão e a estratégia das decisões projetuais para incorporação de parâmetros de eficiência ambiental/social.

Apesar de esta pesquisa estar restrita ao Rio de Janeiro, no contato com representantes de escolas de design de outros estados, se identifica que as dúvidas parecem ser muito próximas. E as diferenças entre as escolas mais preocupadas com a adoção destas questões, estão relacionadas ao tipo de iniciativa que cada uma tem. Algumas desenvolvem projetos ressaltando a importância da reciclagem, outras buscam uma ênfase com a inserção de disciplina específica e, as que já têm disciplinas específicas, no caso do Rio de Janeiro, conseguem vislumbrar uma continuidade e aprofundamento dos experimentos.

Em geral, e como afirmaram os professores que lecionam disciplinas específicas sobre o ecodesign, os alunos costumam se interessar e se mobilizar pela temática. Conforme coordenadores e professores de outros estados, a discussão só pode ser ampliada com um ensino sistematizado abordando a união entre o design e a eficiência ecológica e necessita de um enfoque institucional mais amplo. No entanto, foi-nos salientado também o fato de que ainda assim, com uma conscientização apenas dos designers, de problematizações e terminologias apropriadas a essas questões ambientais, não seria o suficiente para uma efetiva participação com projetos sustentáveis. Seria importante uma reestruturação da formação básica geral dos designers, a fim de que fossem desenvolvidos conteúdos que possibilitassem uma atuação futura. Porém, como esta constitui uma reorientação das mais radicais à transformação do ensino em design, privilegiamos outros níveis anteriores de adaptação:

- conscientização dos problemas, com inserção efetiva de conceitos e terminologias, assim como elaboração de projetos relacionando esses conhecimentos;
- formação específica, com a orientação para a realização de disciplinas complementares e fundamentais;
- especialização, que envolve o aprendizado de especificidades necessárias ao desenvolvimento do projeto, complementando-se a formação da graduação.

Identificando aspectos práticos do posicionamento com ênfase ambiental e vislumbrando outros experimentos em design, BARBOSA & SOARES (2002) sugerem que “A inserção de parâmetros projetuais nos métodos de desenvolvimento de projetos traz benefícios para os estudantes e para o curso, pois eleva o nível de complexidade dos problemas colocando-os inevitavelmente na categoria de sistemas complexos”.

A engenharia normalmente está mais acostumada a lidar com problemas complexos, e a tendência é que os designers venham a perceber também a complexa relação de sua produção. Acreditamos que isto inicialmente venha a ser desenvolvido de forma mais sistematizada realmente numa disciplina específica, como aliás, muitos coordenadores, apesar de não existir tal disciplina em seus cursos, salientaram sua importância¹²⁵. A inexistência de uma maior quantidade de projetos de design com a

¹²⁵ Inclusive segundo relatos de coordenadores de outros estados brasileiros, insistem na criação ao menos de grupos separados de estudo para possibilitar a sistematização e efetiva concretização de projetos de ‘Ecodesign’.

ênfase ambiental – ênfase realmente, não somente uma aparência ecológica ou a possibilidade da reciclagem estampada no produto – como foi visto na maioria dos casos, é sintoma da insuficiência de informações sobre o assunto. E, gostaríamos muito de acreditar que esta insuficiência de informações diz respeito ao que vem sendo discutido aprofundadamente sobre quais seriam de fato os processos mais ecologicamente eficientes – a discussão sobre a possibilidade de se produzir para a remanufatura ou visando o ciclo de vida completo do produto, ou ainda, visualizando-se os, ainda distantes da prática, ‘sistemas de produtos’. Não, muito pelo contrário. Apesar desse tipo de discussões ser o mais relevante em relação aos processos ambientais e para o design, concluímos que no nível acadêmico, no ensino de design, o que está ocorrendo é a formação de uma grande quantidade de jovens que têm pouca instrução, salvo exceções, sobre debates até mesmo freqüentes na mídia dos problemas ambientais. Desconhecem terminologias, mas conseguem detectar um discurso que fala sobre a importância da atuação dos designers diante da sociedade, posto que não é muito diferente das origens em geral do discurso do design. Os concursos de design que apresentam a ênfase para que os projetos sejam ambientalmente mais vantajosos têm aumentado e o próprio resultado entre os ganhadores pode servir para que uma maior quantidade de designers perceba pequenas mudanças possíveis em seus projetos e para que se desmistifique a idéia da existência de produtos apenas “marketeiros”, ou seja, que colaboram para a confusão do conceito e dos objetivos propostos.

Preconizamos realmente que as questões do meio ambiente permaneçam e se integrem gradualmente às disciplinas de projeto. Mas antes mesmo disso, poderia haver ao menos uma disciplina, que não necessariamente de projeto, visando trazer um material informativo sobre o que se pensa como um modelo para a atuação dos designers. Os alunos precisam conhecer os temas que aparecem como um debate óbvio e integrado às capacidades projetivas do design. Precisam conhecer que existem algumas ferramentas projetuais, como a Roda Ecológica, a Matriz MET, ou algum método comparativo mesmo, que estimule sua percepção quanto às possíveis reduções ou alterações nos projetos.

Um importante experimento é o tipo de trabalho que vem sendo desenvolvido por MANZINI com alguns alunos de design de vários países. Os ‘cenários sustentáveis’, conforme denomina, demonstram a necessidade da capacidade de integração entre os valores e necessidades sociais, para que se desenvolvam produtos sustentáveis.

Sustentáveis econômica, socialmente, ambientalmente... Como desejado na formulação inicial do conceito.

Portanto, vimos que há de fato uma série de problemas ainda, principalmente, talvez, pela própria atuação que os designers ainda têm nas empresas, e em relação ao seu preparo para esta atuação. Para que tenham efetivamente um papel decisivo e relacionado às mais diversas áreas de conhecimento, como costuma ser freqüente a atuação em projetos complexos, é necessário que sejam disponibilizados aos estudantes também conhecimentos básicos que possibilitem de fato sua interação com os demais e entendimento das diversas linguagens. Os grandes projetos nas empresas são feitos cada vez mais por equipes multidisciplinares, e não deve caber ao designer apenas uma adaptação estética às possibilidades de produção, e vice versa. Outro motivo é por sabermos que alguns processos e materiais não vão deixar de ser usados. Quando entramos, por exemplo, em uma oficina de materiais nas escolas de design, vemos que madeira, a elaboração dos produtos, frascos, embalagens etc, etc, nada disso vai ser mudado. Na realidade são idealizadas mudanças dos processos. Portanto, desde a redução principalmente, da quantidade de material, de energia... até a mudança de como o produto se insere, se integra e “deixa de fazer parte” de uma comunidade, por exemplo. Uma idealização muito mais nos moldes que FULLER afirmava sobre o conceito de utopia. Uma utopia, que pela primeira vez na história talvez seja possível e realizável.